

Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade

PROJETO

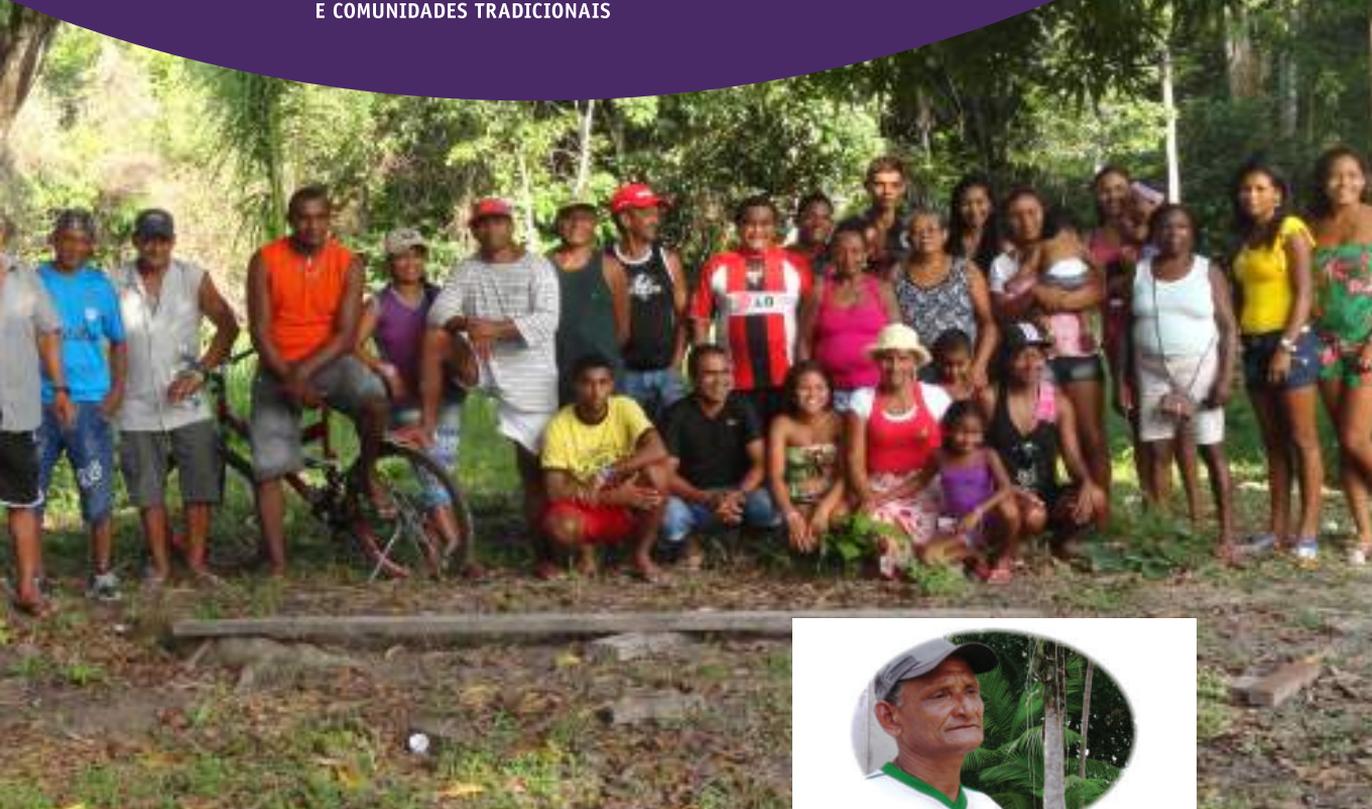
Mapeamento Social

como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS



17



em 18120804
em 1880
Sua mãe nasceu na Vila
de Ouricuri
de Pernambuco em 1782
Vive e trabalha no trabalho
trabalha no trabalho
com seus filhos e sua
mãe e pai
Dizido e registrado
em 18120804

Roberto La Torre de Lima

NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

COORDENADOR GERAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Rosa Elizabeth Acevedo Marin

EDIÇÃO

Rosa E. Acevedo Marin
Eliana Teles Rodrigues

TRABALHO DE CAMPO

Rosa E. Acevedo Marin
Eliana Teles Rodrigues
Thamirys di Paula Cassiano de Matos

FOTOGRAFIA

Rosa E. Acevedo Marin
Eliana Teles Rodrigues

GEORREFERENCIAMENTO

Eliana Teles Rodrigues
Julio Tadeu Dias Moraes

TRANSCRIÇÃO

Eliana Teles Rodrigues
Everton Teles
Rosa Acevedo

APOIO

Nei Santiago Dias Moraes

DESIGN GRÁFICO

Casa 8 Projetos e Edições

Homenagens:

Sebastião de Oliveira Pacheco

Seus pais: Manoel de Oliveira Pacheco e Olivia Oliveira Pacheco.

“Homem simples trabalhador e muito honesto, sua principal atividade era trabalho em roça, muito zeloso com a natureza. Dedicou sua vida em preservar o meio ambiente, em 1997 fez com seus braços o pico que deu origem a ramal que hoje desce no Aracaju.” MANOEL DE JESUS BATISTA DE MORAES

Teodoro Lator de Lima

“Em homenagem a nosso irmão e companheiro Teodoro Lator de Lima que tanto por nos lutou, que suas obras e seus prestígios sirvam de exemplo para todos.

Foi um herói até a morte. Não deveríamos ter medo daqueles que matam o corpo, porque não poderão matar a alma.” MARIA DE FATIMA GUSMÃO BATISTA



Participantes na Oficina: Alan Batista Cardoso, Alciene Moraes Alexandrino, Alexandre Moraes Alexandrino, Alicia da Trindade Cunha, Ana Julia da Silva Moraes, Ariana Sena Coelho, Bernardina Dias dos Santos, Camila Dias dos Santos, Carliane de Gama Soares, Debora Cardoso Moraes, Dulcival Batista de Oliveira, Elis Regina Batista de Jesus, Ernande Manoel da Silva Barbosa, Francisco Cardoso, Graciete Dias Moraes, Inacio Amador Junior, Izaura Souza da Silva, João da Cruz Batista dos Santos, Josivan Reis Cunha, Julio Tadeu Dias Moraes, Laelsia Matias, Leticia Batista da Conceição, Luciene Batista Cunha, Luciene Batista Oliveira, Luciene Rodrigues Cunha, Luis Oberto Reis Cunha, Luís Otávio Moraes Batista, Luís Paulo Moraes Batista, Manoel Camilo Dias dos Santos, Manoel de Jesus Batista de Moraes (Severino), Manoel Nazareno Batista dos Santos, Marcia Batista Portal, Marcia dos Santos, Maria das Neves Cardoso dos Santos, Maria De Fátima Gusmão Batista, Maria Lidia Gardenia Gomes, Marilda Oliveira, Marinete Dias dos Santos, Maristela Tavares Batista Cardoso, Mariza Filha Silva Oliveira, Michelle Gama da Silva, Nei Santiago Dias Moraes, Osvaldo Batista dos Santos, Paola Silva Alves De Araujo, Pedro Lourenço da Silva, Raimundo Batista, Rosiane Moraes Correa, Rosivaldo Moraes Correa, Sabrina Cunha Moraes, Sarah Batista de Oliveira, Sarah Batista de Oliveira

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação : processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais : comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade, 17 / coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Rosa Elizabeth Acevedo Marin. – Manaus : UEA Edições, 2014.

12 p. : il. color. ; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-299-5

1. Conflitos sociais. 2. Quilombolas. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo.

CDU 528.9:316.48(811.5)



A jovem Leticia Batista da Conceição realiza anotações sobre as famílias expulsas da margem esquerda do rio Arari. A equipe foi formada pelo senhor Osvaldo Batista, Mariza Filha Silva Oliveira Michelle Gama da Silva

Os quilombolas plantaram os açazais da margem esquerda do rio Arari e foram expulsos pelos fazendeiros

“O rio Arari já foi habitado por quilombolas que foram expulsos pelo fazendeiros, por isto é quilombos de Gurupá e rio Arari ou rio Arari e Gurupá” OSVALDO BATISTA DOS SANTOS

“Sobre os igarapés: no Murucutu temos sete moradores, a plantação dessa região era o açaí, o coco e a manga era a plantação mais encontrada nessa região. No Comichão tínhamos três moradores e a plantação era mais o açaí, era a plantação mais encontrada nesta época. No Furo tínhamos dois moradores e a plantação era o açaí. No Cebola tínhamos um morador e a plantação também era o açaí. No Feitiço, um morador e a plantação era o açaí. No Acará tínhamos nove moradores e encontrávamos



Dona Maristela, professora da Escola Maria Leopoldina Lobato examina o mapa do território dos rios Arari e Gurupá e compara com o quadro com os nomes das famílias que viviam a margem dos 26 igarapés situados a margem esquerda do rio Arari, entre o igarapé Murutucu e igarapé do Caju

como plantaço piquiá, manga, bacaba, laranja, café, bacuri, limão, açai entre outros. Na Caroba tínhamos quatro moradores e a plantaço era limão, era a plantaço que digamos assim, não quero dizer que era a única plantaço, mas, sim era a maior parte da plantaço era o limão. No Acará Miri tínhamos nove moradores e podíamos encontrar mangueiras, limão, laranja e açai, Nas Cantigas tínhamos sete moradores e a plantaço, podia encontrar mangueira, bacaba, limão, laranja, açai, tucumã e etcetera... No Sapará Miri tínhamos três moradores e a plantaço que podíamos encontrar em maior parte era tangerina, lima, açai, bacuri, pupunha entre outros. No Bom Jesus de Tororomba, tínhamos oito moradores, no sitio podia encontrar diversas arvores, principalmente o açai. Sapará Grande tínhamos quatro moradores e como plantaço tínhamos manga, banana, açai entre outros. Piramanha tínhamos um morador e podíamos encontrar como plantaço açai, banana, manga e etcetera. Gurupá Miri e a Boca do Gurupá na margem direita tínhamos doze moradores e a maior plantaço era de açai. No Gurupá, da margem esquerda, aonde inclui as terras da fazenda do Caju tínhamos três moradores e a maior plantaço era plantaço de coco. Temos também uma observação: em todas essas áreas é importante destacar que temos muitos recursos como ervas medicinais, nos lagos podíamos encontrar peixe que serve para o nosso alimento. Temos muitas frutas para o consumo e a maior fonte de renda quando eles vieram para cá era a extração do látex, que foi o que gerou muita renda nessa região.” EQUIPE LETICIA BATISTA DA CONCEIÇÃO, OSVADO BATISTA DOS SANTOS

Bernardina Dias dos Santos preenche documentos durante a Oficina



“A observação que eu tenho é que eu não vi o nome da minha mãe que morava desse lado daqui, mas ela falou que tinha quatro moradores do lado de lá, só não deu o nome de quem morava. Ela morava lá antes, depois a Boa Vista, desse lado daqui morava um senhor chamado Nono, o mais antigo que tinha lá. Se você passa, depois daquela casa do Reco, você vê ainda os pedaços de piquetes que estão aí, não sei quanto anos, cem anos já tem aquilo lá, mas ali era a ponte, onde era um comércio debaixo da casa dele, pode ver. Depois mais adiante um pouco, morava um senhor chamado Vitó que morava também naquela área, depois dessa outra pessoa lá já que morava nós. Aí lá já tinha um morador no Caju e no Mota não tinha, depois que já veio o compadre Raimundo prá lá, pra o Mota. Já muda a situação do povo já chegando, se acolhendo ali cada vez mais. Com a vinda desse pessoal que veio de lá do Arari, a comunidade já se torna um pouco pequena.” FRANCISCO CARDOSO

“Naquela época, tinha o açai nativo, mas pelo menos lá nas Cantigas foi mais plantio, porque o açai geralmente ficava na área do mangal que era aquele açai que dava na várzea. Daí meu pai e meu avó plantaram



Pedro Lourenço da Silva, conhecido por Bigode, que mostrou o trabalho realizado para plantar 500 bacuris e ainda o cultivo de abacaxi. Vários quilombolas tem perdido sua plantaço pela entrada do gado, propriedade do fazendeiro, o que reiteradamente os mobiliza a fazer reclamações que não são atendidas. Na foto Pedro Lourenço da Silva com sua esposa Bernardina Dias dos Santos



Grupo elabora o croqui do Setor Aracaju

toda aquela área das Cantigas, não! do Bagre até o igarapé do Defunto, que chamam, aquela área que fica entre o mangal e a terra firme toda foi plantada pelo meu avó, meu pai, tios, irmãos”.
MARISTELA TAVARES CARDOSO

“Nossa economia sempre gerou do extrativismo, que era da andiroba, da coleta dos nozes e o açai”. MANOEL NAZARENO BATISTA DOS SANTOS

“No Acará, por exemplo, já conversei muito com minha bisavô, a senhora Leocádia e lá vivia a Esmeralda e tem um piquazeiro, que eu não sei onde é; tem vários que um foi planta da minha bisavô Leocádia e outro foi planta da Esmeralda. Que aí ela de vez em quando, quando eu falo com ela, ela diz será que eu vou morrer lá no lugar? Porque a vontade dela é retornar para morrer lá, por onde nasceu lá. Então, pessoal eu nunca fui, eu já fui numa parte onde tem as mangueiras, mas eu ainda não fui onde tem os piquazeiros que foi plantado. Que até agora estão lá. Porque cada um tinha seus sítios um emendado no outro” ROSIVALDO MORAES CORREA

“O que tinha por acaso como costume na época, quando tinha muita dificuldade de trazer para cá para o cemitério eles enterravam perto da casa, isso a gente sabe que é histórico isso” OSVALDO BATISTA



Francisco Cardoso apresenta o croqui do Baixo Gurupá e em seguida Rosivaldo, Moraes Correa, Pedro Lourenço acrescentam observações



Esmeralda Maria da Conceição (1910-2014) narrou em 2008 : “O igarapé Acará era como uma vila. Ali, tinham suas casas Epaminondas e Agostinho”, sobrinhos de Esmeralda. Esse igarapé forma parte do território de pertencimento. Dele foram expulsas 76 famílias em um processo iniciado em 1972

água encanada, lá não tem luz, não tem estrada. Daí sobe vem mais aqui na frente, este aqui, o campo do Caju, aqui era onde tinha a chamada Santa Luzia, lá tinha um sitio muito grande, muita laranjeira, muita tangerina, piquizeiro e foi destruído pelo gado, hoje, só existe um mangal. Esse aqui é um cemitério que tem no campo do Caju também, esse cemitério aqui é muito antigo. Eu lembro que meus avós falaram que também já era antigo aquilo lá quando eles viram. E daqui sobe, vem, na parte da beirada também, aqui é um outro sitio que tinha lá próximo de casa e que também tinha muita fruteira lá, piquizeiro inclusive, hoje só tem dois, mas o sitio lá era muito grande, o gado também destruiu. Aqui é o lago, aqui era um plantação que nós tínhamos de abacaxi com trinta mil pés de abacaxi que o gado destruiu também tudo isso aqui.”

“O gado é do seu Mauro Conduru, que se diz ser o dono do Caju. Essa cerca aqui dividia, agora a gente está com um grande problema porque essa cerca tinha um arame que impedia um pouco a passada dele, né, só que agora ela está arriada de uma vez por todas, não existe mais, tá tudo no chão: o arame, a cerca, tudinho. E aí a reocupação, eu até falei com os colegas aqui hoje, que a gente pode se preparar que esse ano vai ser mais um ano que a gente tem a produção nossa consumida por eles porque não tem jeito. Eles já estão entrando no mato com essa chuvinha que tem dado, já tão invadindo, uma hora dessa já estão no mato. Já pedimos, inclusive houve em 2011 parece, o Osvaldo ainda era presidente, houve um problemático que eles entraram aqui no Seu Bigode e outros mais aqui. Houve uma audiência lá em Cachoeira, da qual a gente fez ofício protocolado pedindo a Promotoria Pública, ao delegado de polícia, providencia. E nessa época foi feito um reparo na cerca. Pedimos providencia em relação aos prejuízos, pedindo o ressarcimento dessas perdas. Agora, porem, você sabe como funciona a justiça, né e o processo continua lá na Comarca de Cachoeira”.



A coleta e venda do açai são atividades fundamentais para os quilombolas dos rios Arari e Gurupá

No Setor Baixo Gurupá o gado de Mauro Conduru destrói as plantações

“Eu sou associado como quilombola e moro na margem esquerda do rio Gurupá. Moro no primeiro igarapé, o Barreiro, o segundo é o Santa Catarina, daí ele sobe, aqui vem a divisão do terreno do Caju onde a gente mora, chamado Vila esse local, né. Aqui nessa localidade que eu estou mostrando, só lá, só lá tem umas vinte famílias, mas lá a gente não tem água encanada, lá não tem luz, não tem estrada. Daí sobe vem mais aqui na frente, este aqui, o campo do Caju, aqui era onde tinha a chamada Santa Luzia, lá tinha um sitio muito grande, muita laranjeira, muita tangerina, piquizeiro e foi destruído pelo gado, hoje, só existe um mangal. Esse aqui é um cemitério que tem no campo do Caju também, esse cemitério aqui é muito antigo. Eu lembro que meus avós falaram que também já era antigo aquilo lá quando eles viram. E daqui sobe, vem, na parte da beirada também, aqui é um outro sitio que tinha lá próximo de casa e que também tinha muita fruteira lá, piquizeiro inclusive, hoje só tem dois, mas o sitio lá era muito grande, o gado também destruiu. Aqui é o lago, aqui era um plantação que nós tínhamos de abacaxi com trinta mil pés de abacaxi que o gado destruiu também tudo isso aqui.”

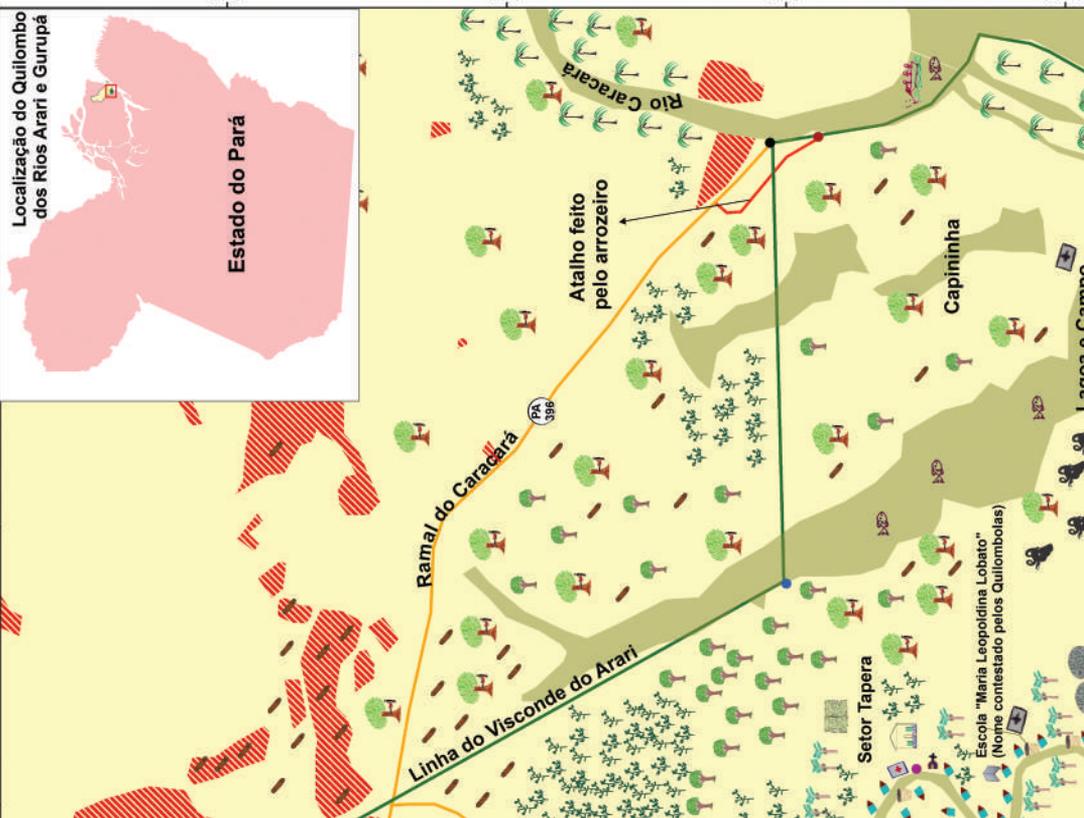


Croqui do sítio Bom Jesus do Tororomba

“Só pra reforçar essa palavra dele, foi assim: o delegado falou pra nós, e eu estava lá no dia da audiência, que a partir da meia noite daquele dia – eu tenho até anotado lá - o gado não daria mais prejuízo pra ninguém porque estava uma cerca sendo construída pra evitar esse problema. Só que isso não aconteceu, essa cerca não apareceu e o gado continua dando prejuízo, porque aqui eu estou falando, mas todo o pessoal daqui desse lado sofre prejuízo com esse gado. E não é duma vez só, nós temos mais de 30 anos sofrendo prejuízo com esse gado. E se alguém disser que mora aqui, trabalha aqui e nunca sofreu prejuízo, eu vou dizer que acho que ainda não morou. Onde o Bigode tá, onde Bigode trabalha, acho que ele deveria falar um pouco sobre isso também...” FRANCISCO CARDOSO



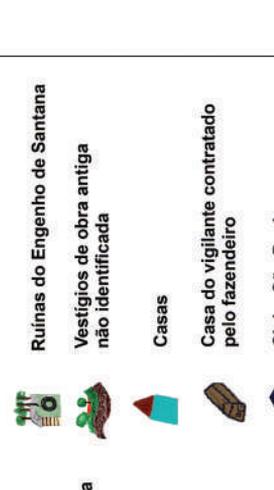
“O problema que deu prejuízo o gado, deu prejuízo no milharal e aí eu fui me queixar. Aí o delegado falou o seguinte, que eu deveria fazer uma cerca pra defender minha roça. Bom, eu disse pra ele, ‘olha delegado eu vim saber do prejuízo do gado, não sei se a minha roça anda. Agora, eu vou lhe explicar uma coisa, eu tô a dez anos com prejuízo deste homem e nunca ele veio se manifestar, mas como senhor está dizendo que eu tenho que fazer a cerca, eu vou cercar’. Aí no ano retrasado eu fiz a cerca e fui lá comunicar. Eu disse: ‘agora delegado é o seguinte, já está presa a minha roça, se o gado entrar, o senhor sabe, eu não venho mais dá parte, eu vou comer o gado dele, que aí ele vem que eu quero ver a cara dele’, certo? Porque a justiça procura fazer a coisa bonita pra dá parte, mas se não tiver um telefone, uma coisa gravada! Porque aí já passava dias que o gado tinha comido e não aparecia mais nada, e ai foi só andar. Tá na justiça, tá, mas a hora que o gado entrar eu vou comer uma vaca dele.” PEDRO LOURENÇO DA SILVA



Legenda / Convenções cartográficas

	"Campo do Inferno"		Ruínas do Engenho de Santana
	Açaí Manejado na Várzea		Vestígios de obra antiga não identificada
	Açaí Nativo na Várzea		Casas
	Plantio cultivado pelos antepassados		Casa do vigilante contratado pelo fazendeiro
	Plantio de Bacurizeiro		Clube São Paulo (Setor Campinho)
	Roça (mandioca, Abóbora, Milho)		Escolas
	Roça de Abacaxi		Igrejas
	Peixes		Posto de Saúde
	Cobra		Ônibus escolar
	Tartaruga		Sede da Arquig
	Aves		Campo de futebol
	Desmatamento		Cerca construída para evitar a invasão do búfalo
	Área Desmatada		Cemitério de Gurupá, Santana e Caju
	Queimadas		Túmulo onde foi enterrado o Sr. Teodoro Lalor de Lima
	Área de exploração de areia		Bom Jesus do Tororomba (Local onde Viviu o Sr. Lalor)
	Búfalos destruindo as roças		Locais onde o açaí é embarcado
	Casa queimada no Lago das Carobas		
	Voadeira usada pelos		

Localização do Quilombo dos Rios Arari e Gurupá



Estado do Pará

pontões para apoiar canoas e barcos dos ribeirinhos

Rabeta dos quilombolas com motor danificado no conflito com os policiais

Áreas de conflitos

Pistoleiros contratados pelo fazendeiro

"Rocadão" (Área desmatada pelo fazendeiro)

Área de Desmatamento Acumulado (2000-2012)

Território Quilombola

Atalho feito pelos arrozeiros

Ramal do Caracará/PA 396

Municípios Paraenses

Estado do Pará

Bacurizeiro do Japilim

Povoado de Tapera

Povoado Aracaju

Povoado do Campinho

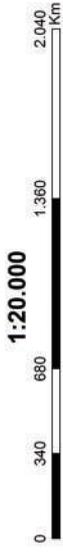
Porto do Arrozeiro

Porto Sant'Ana

Corpo D'água

Projeto de Assentamento Extrativista Ilha Santana

Limite Municipal



Nova Cartografia Social da Amazônia

Projeto Mapeamento Social como instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação:
processo de capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais

Sistema de Coordenadas Geográficas: LAT/ LONG
Carta Topográfica Digital - DSG - DATUM - SIRGAS.2000

Realização: ARQUIG - Associação de Remanescentes de

Quilombo do Rio Gurupá

Equipe de Levantamentos de GPS: Julio tadeu Moraes;

Eliana Teles Rodrigues e Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Equipe de Pesquisa: Eliana Teles Rodrigues (UFPA/ PNCNSA)

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UFPA/ PNCNSA)

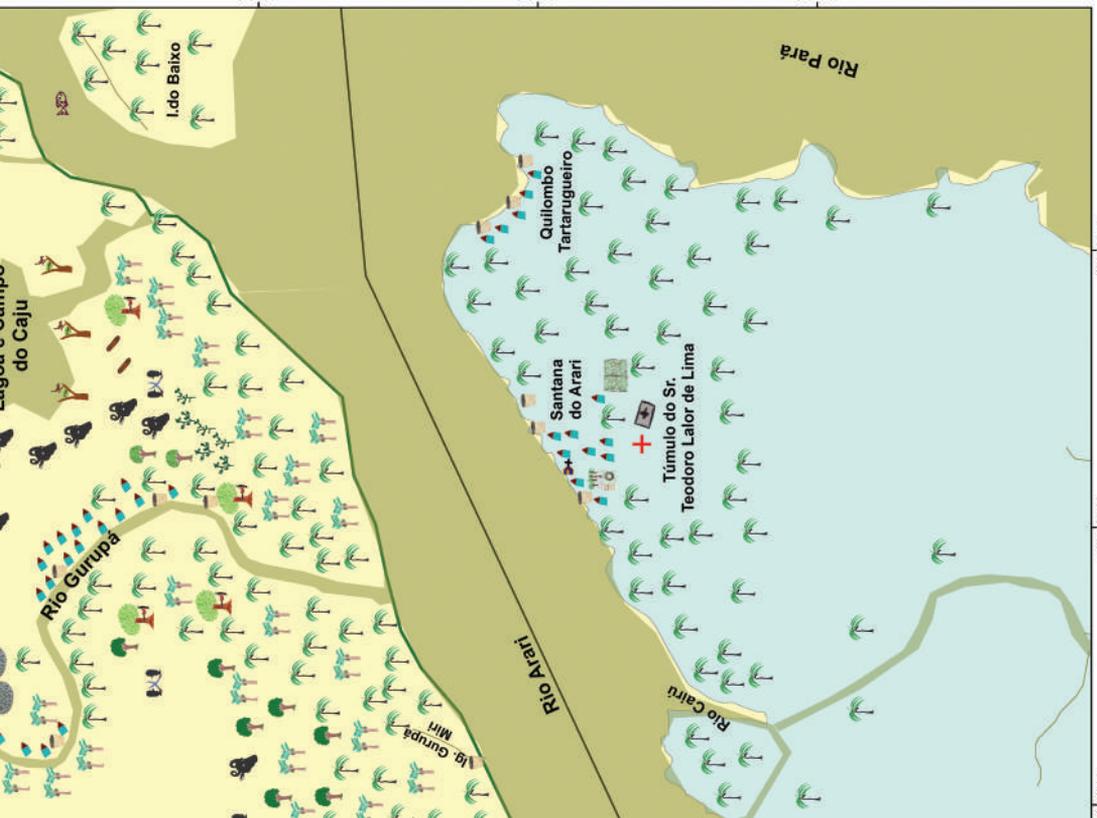
Cartografia: Thiago Alan Guedes Sabino (PNCNSA/UFPA)

Data: Abril /2014.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ

FUNDO AMAZONIA



Quilombolas dos Rios Arari e Gurupá - Cachoeira do Arari, Estado do Pará



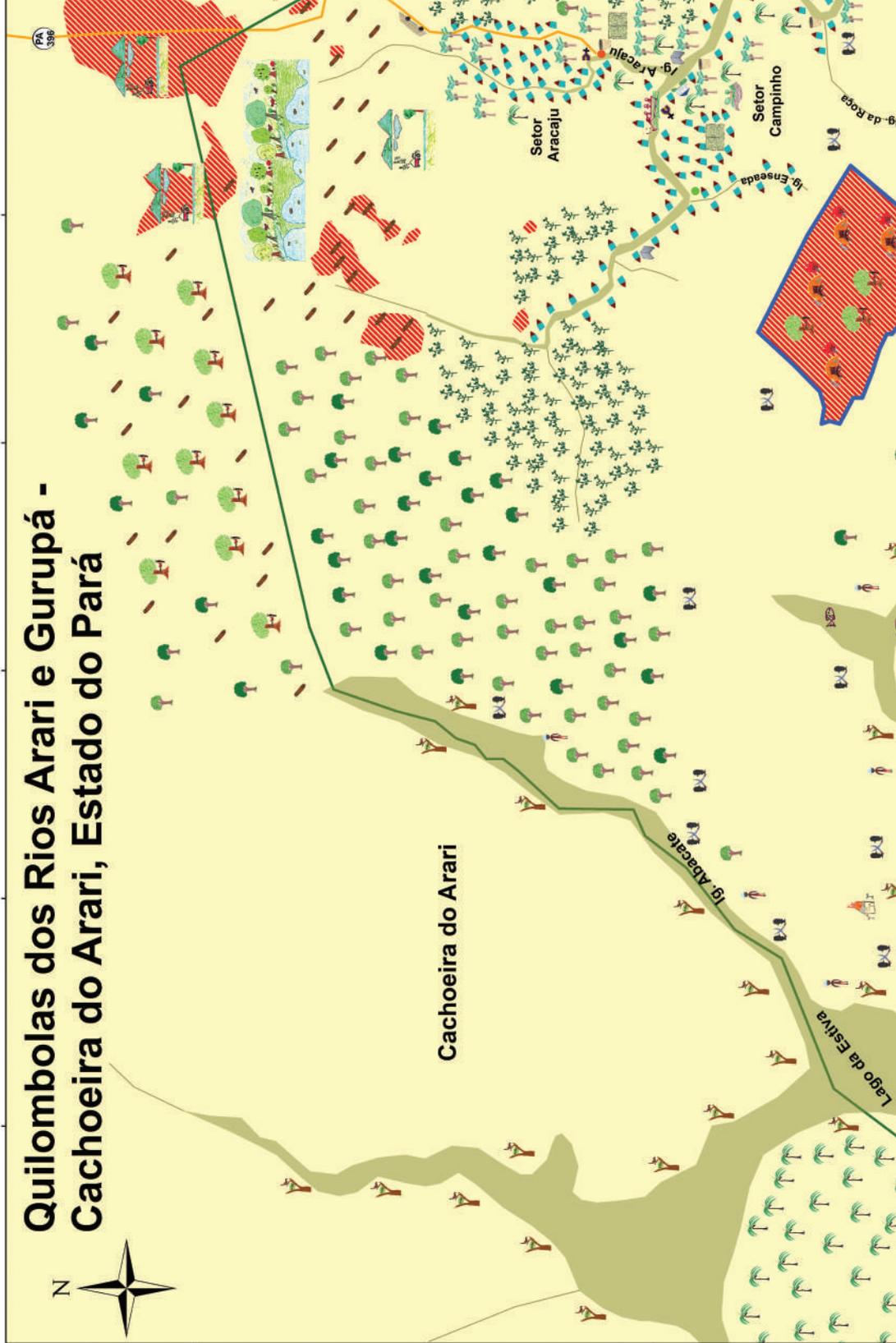
17°0'S

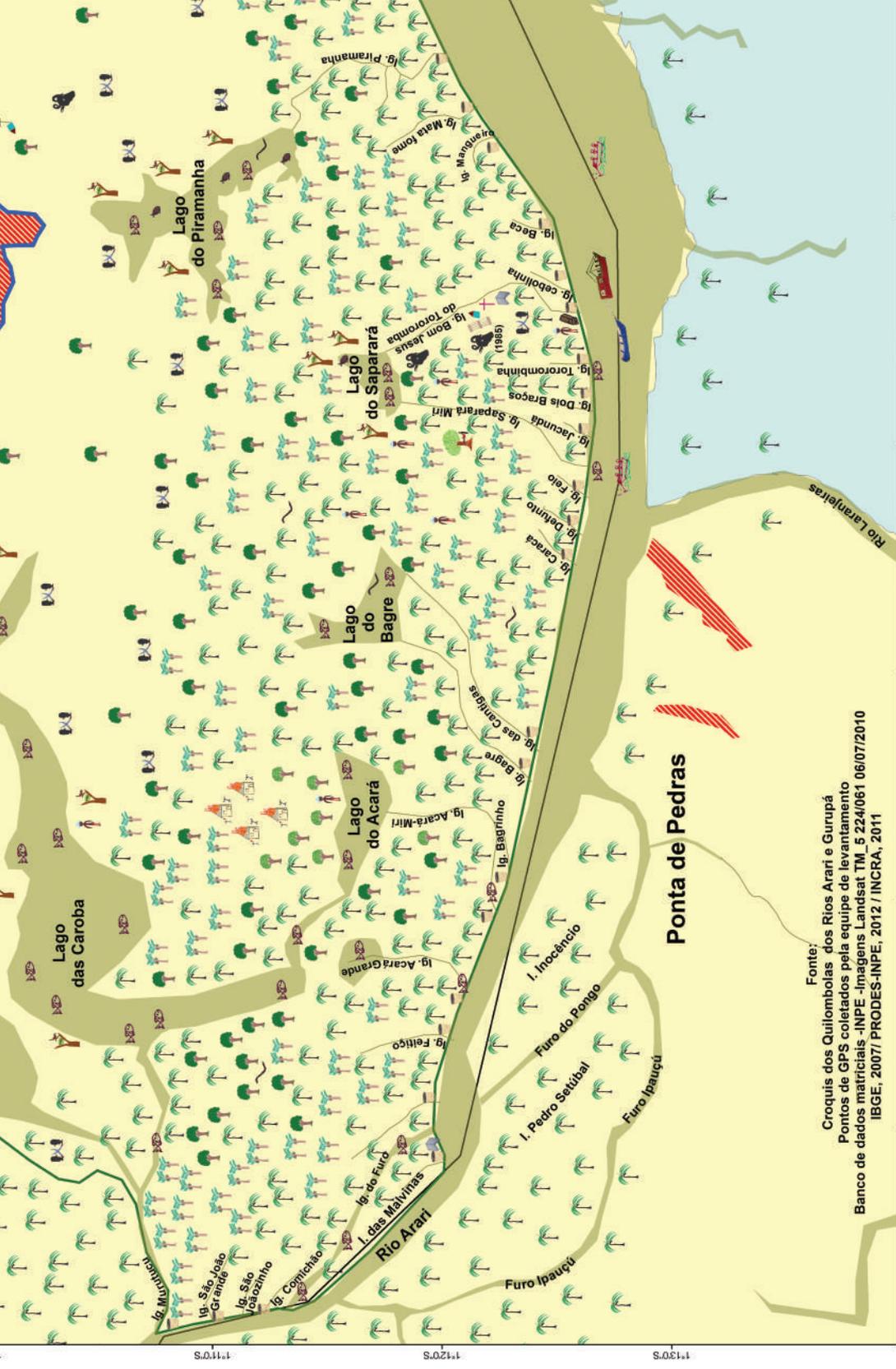
18°0'S

19°0'S

20°0'S

Cachoeira do Arari





Fonte:
 Croquis dos Quilombolas dos Rios Arari e Gurupá
 Pontos de GPS coletados pela equipe de levantamento
 Banco de dados matriciais -INPE -Imagens Landsat TM 5 224/061 06/07/2010
 IBGE, 2007/ PRODES-INPE, 2012 / INCRA, 2011

48°52'0"W 48°51'0"W 48°50'0"W 48°49'0"W 48°48'0"W

1°11'0"S 1°12'0"S 1°13'0"S

Relação das famílias expulsas da margem esquerda do rio Arari seguido aos acordos dos que se declaram proprietários das terras compreendidas na Fazenda Boa Vista e Fazenda Caju

Igarapé Murutucu (sua cabeceira encontra-se no lago das Carobas) Havia sete famílias: 1) Lucas (tinha muitos filhos); 2) João Serrão e Nazaré com os filhos; 3) Daniel da Silva Serrão e Fuluca com seus filhos; 4) Mira e Neuza que tiveram muitos filhos; 5) Caetano e Joana e tinham filhos; 6) Demétrio e Laura, tinham muitos filhos; 7) Antonia (não sabe nome do marido) e muitos filhos. Tipos: Predominavam plantações de coco, açaí e manga.

Igarapé Comichão, Igarapé São João, Igarapé Aningalzinho Havia três famílias: 8) Moacir e dona Cele (quatro filhas: Lourdes, Maria, Raimunda – não lembra o nome da última); 9) Virgílio e Rita tinha uns quantos filhos, eram cinco; 10) Caetano e Joana (filhos: Raimundo, conhecido por Dico, Rosa, Ronaldo, Rui, Marcionila, Diene, Rosimilda, Jacira). Predominava plantação de açaí.

Igarapé Furo Havia duas famílias: 11) Osmarina Correa, o marido. Os filhos eram Manducão, Osvaldo, Cuí e tinha mais outro; 12) Raimundo Correa (Seu Gonzinho) e Raimunda. Predominava plantação de açaí.

Igarapé Cebola Havia uma família: 13) Antonio Nunes Correa (Antonico) e Ana Nunes Correa e filhos – Maria Sabá, Maria Oneia, Carica, Preto Velho. Predominava plantação de açaí.

Igarapé Feitiço Havia uma família: 14) Uma senhora de nome Edna e seus filhos. Predominava plantação de açaí.

Igarapé Acará Havia oito famílias: 15) Maria Leocádia e Raimundo Batista com os filhos que formaram família no lago; 16) Esmeralda Maria Conceição e as filhas; 17) João Rocha da Silva (João Bulhosa) e Rosaria Souza Silva com a filha, Dona Clara Bulhosa; 18) Epaminondas (Gregorino) e a mulher Raimundinha com filhos Mikeli, Dorandin, Paulo e uma filha, chamada Zelita; 19) Taruba que era viúvo 20) Dikita e Augusto com muitos filhos; 21) Euzebia Maria da Conceição e Tito, com os filhos, 22) Altamiro Serrão, chamado Mira. Predominavam plantações de piquiá, manga, lanranja, bacaba, café, bacuri, limão e açaí.

Lago das Carobas (Vaquejador) Havia cinco famílias: 23) Augusto Lopes (conhecido por Augusto das Carobas) foi um dos primeiros moradores, era irmão do senhor Julio; 24) Manoel Luís Batista e Nazaré com os filhos Maria Mery, Toquinha, Dikinha, Iroca, Luis Paulo, Luiz Otavio (Lamparina) e o Deca; 25) Idelfonso (conhecido como Taruba) que era viúvo; 26) Guilherme e sua mulher (foi tomada pelo João Caniço); 27) Raimundo Gama da Silva e Madalena com as filhas. Predominava plantação de limão.

Igarapé Acará Miri Havia oito famílias: 28) Claudino Batista Correa (o Coló), filho da Benedita e sua mulher Adenir de Freitas Tavares (Miúda) com os filhos: Francisco, Didi, Claudino (conhecido por Nenê), Edimar e Everaldo. e filhas mulheres: Benedita, Kátia, Claudete; 29) Afonso Correa Batista e Maria de Fátima da Silva Serrão com sete filhos; 30) Benedita (mãe de Afonso) e seu marido Cirico com 4 filhos (Afonso, Joazinho, Graça, Francisca); 31) Dona Águeda Jardim e as filhas Oneiza, Marielide, Maria Raimunda e Benedito; 32) Benedito (filho de Águeda) e Sirene com uma filha; 33) Jacinto, mulher e filhos (Conceição, Castorina, Jacintinho, José); 34) Nilo e Maria (ainda é viva e está em Cachoeira). Eles tinham seis filhos; 35) Manoel Nunes Correa e sua mulher. Predominava plantações de laranja, limão e açaí.

Igarapé das Cantigas Havia seis famílias: 36) Severiano (Severiano Batista e Cacilda Tavares Batista) com vários filhos (Maria de Jesus e Maria Brígida); 37) Pedro Ribeiro Batista e Adilamar Tavares Batista, conhecida por “Morena” e tinha de filho o Valer, Roxinho, Pedrinho e das mulheres Mariestela, Palmira, Rosa, Rosangela, Wilma; 38) Amarildo e Ana. (Amarildo filho de Pedro) e tiveram um filho por

nome Ednei 39) José (Caraca) e Dulce tinha filhos Pedro, Leo, Dico, Antonio, Juliana e João; 40) João Sabino (irmão de Severiano) e Pia e tiveram de filhos Vitalina, Maria Augusta, Cláudio e Raimunda; 41) Zito e Augusta tiveram cinco filhos. Plantações: manga, laranja, tucumã e açaí.

Igarapé Saparará Miri Havia três famílias: 42) Dionísia e Delmiro (marido) teve Conceição e Cipriano 43) Francisco (Mestre Chico) e Dionísia e tiveram dois filhos: Germano e Manduquinha; 44) Manduquinha casou com Marizete e teve 10 filhos: Flavia, Francilene, Francimeri, Mery, Nete, Marizete, Chiquito, Delson, Nelson e Gegeco. Djalma Ferreira dos Santos e dona Nazaria Batista dos Santos (Mocinha) – moraram lá e já tinham mudado quando ocorreu o despejo. Predominava plantações de tangerina, lima, açaí, bacuri, pupunha

Igarapé Bom Jesus do Tororomba Havia oito famílias: 45) Sebastião de Lima e Maria Rosa Lalor e os filhos; 46) Alarico com Juliana teve três filhos (Alarico ficou viúvo) Ladimir, Vanda e Vani; 47) Maria e Alarico, dois filhos Catarino e Rosa; 48) Lucival casou com Maria Augusta e teve vários filhos: Olginha, Matilde, Nara, Mariazinha, Maria de Belém, Lucival Filho, Nonato, Nivalda, Sabazinho; 49) Homero e Florinda com quatro filhos, Homero Filho, Joel, Jociel, Joelma; 50) Miguel e Maria da Providencia e tiveram o Miguel Filho, Moises, Magno, Mauro; 51) Raimunda e Neco – não teve filhos; 52) Teodoro Lalor e Emilia Gemaque tiveram sete filhos: Adriano, Algenor, Ademir, Estela, Aldecir, Denis, Denise (um falecido)

Igarapé Saparará Grande Havia quatro famílias: 53) Lotera e Felipe Santa Rosa e teve de filhos o Chico, Manoel, Lucia, Maria; 54) Raimundo (Bolo) e Lotera (depois que ela ficou viúva) ele era pajé; 55) Felipe (o Chico) casou com Ana e tiveram o Felipe, Francisco, Bertino e as mulheres: Maria, Rosa, Deuzinha, Maria Eunice e Conceição; 56) Manoel (o Pauzão) casou com Isabel e tiveram três filhos Pedro, Roberto e uma filha. Plantações: manga, banana, açaí.

Igarapé Piramanha Havia uma família: 57) Manduquinha conhecido por Capitão. Ele vivia com a Dona Inês e quando os dois se juntaram ele tinha sete filhos e ela também sete. Ele era pajé. Plantações principais: açaí, banana, manga.

Igarapé Gurupá Miri até Boca do Gurupá e adentrando a margem direita até o igarapé da Roça Havia quatorze famílias: 58) José e a Caboca (filha do Capitão) não tiveram filho; 59) Manoel Pereira (Careca) e a Maria e tiveram muitos filho; 60) João do Campo e a mulher de nome Domingas e tinha uns dez filhos. 61) Lourenço Serrão e a Chiquinha e tinha de filho Vitorino e Santinha; 62) Vitorino Castro Serrano e Maria Santana Cardoso; 63) Satiro da Silva e Carolina, o lugar era São Tomé, ele tinha enteado; 64) Maria Custodia e João Sabino viviam na Boca do Gurupá com os filhos Dalvina, Bernardina, Adelino Manoel e Camilo Dias dos Santos; 65) Bernardina e Bigode tiveram vários filhos (fizeram casa perto de Maria Custodia); 66) Suzana e Duquita; 67) Sabá vivia com Raimundo (conhecido por Preto) e tiveram muitos filhos; 68) Porfírio Batista e Maria da Conceição Silva (ou Jovelina) e filhos, viviam na boca do Gurupá. 69) Armerindo Cardoso e Fabriciana com vários filhos; 70) Vitorino e família; 71) Cai N'agua (irmão de Manoel Pereira, o Seu Careca) e família. Plantação principal: açaí

Boca do rio Gurupá e as terras da fazenda Caju Havia quatro famílias: 72) Manoel Quandu (viúvo) e os filhos. A casa foi mandada queimar pelo Rui Conduru; 73) Maria Santana (viúva de Vitorino) e os filhos; 74) Hélio e Odete com os filhos; 75) Maria Custodia e Julio com a filha Vitalina e Hilda. Plantação principal: coco. Próximo à boca do Gurupá, em sua margem direita, havia um cafezal plantaço da família de Maria Custodia.

Lago Estiva. 76) Gino e família



Rosivaldo Moraes Correa
descreve os conteúdos do
croqui do setor Aracaju

“Agora tem outro problema né, o delegado marca o dia da audiência, só que ele nunca se compareceu lá. Quem toma conta do caso sempre é o delegado, é ele que dá sempre o recadinho. A audiência é amanhã, por acaso, aí nós temos que tá lá porque se nós não for, nós somos punido, mas se ele não vir, ele não tem punição nenhuma. Aí nós chega lá quem dá recado é o delegado, ‘olha é pra fazer assim, ou tá feito assim’, quer dizer acho que o delegado num é da delegacia, o que nós quer é falar com o Mauro porque o Mauro que é o dono do gado que nos dá prejuízo, então por que que nós não temos o direito de ver ele na justiça? Por que que a justiça só é pra nós que não temos nada? E por que ele não pode comparecer nenhuma vez? Até porque não é a primeira vez, é o que estou dizendo, tem mais de trinta anos de prejuízo! Eu já mostrei pra varias pessoas lá que foi feito um levantamento pela Emater, deu cinco mil e uns trocados ainda uns cinco anos atrás, no tempo que o dinheiro ainda valia, né, e ele não apareceu. E o que me doeu na consciência é que o me próprio sobrinho foi lá levar um recado dele, que se eu não quisesse morrer de fome era pra mim roer a unha e beber agua. Poxa! Isso dói na consciência, né, a gente trabalha com todo prazer, pra nós não tá pedindo”. FRANCISCO CARDOSO

Igarapé Bom Jesus do Tororomba onde a gente perdeu um companheiro

“Aqui a gente fez o croqui da área do igarapé da Roça, mas como a gente não podia de maneira nenhuma deixar o rio Arari fora, aí a gente começou do Murutucu e entrou no Gurupá. Tem um espaço daqui da boca do Gurupá até o igarapé da Roça onde a gente pega o nosso setor. Então aqui estão todos os igarapés marcados. Aqui no Tororomba tem um destaque que a gente fez um símbolo que depois a gente vai mostrar na legenda e desenhou aqui os lagos do Acará, da Caroba, o lago da Estiva, mais o lago do Piramanha e a área do Moinho que a gente reconhece como a área desmatada pelo fazendeiro, quase 250 hectares desmatada aqui. E depois, a área do pessoal daqui do nosso setor, que mora aqui na cabeceira do Igarapé da Roça, o pessoal que ta aqui mais atrás um pouco, e aí a gente chega lá em casa que é a casa da Nazaré que é a minha mãe. E temos aqui alguma mata, um desenho e temos a legenda, onde estão os campos. Aqui na legenda a gente desenhou uma pessoa armada que é o pistoleiro que está a serviço do fazendeiro. Depois a gente colocou aqui o açazal, o açai que é a fonte de renda da comunidade dos quilombolas, tem os lagos que tem os peixes que é uma fonte de alimento dos quilombolas, tem o rio Arari que aparece aqui um barquinho que conduziu os soldados quando vinham fazer



O jovem Dulcival Batista de Oliveira desenha o croqui do Setor Cabeceira

injustiça com o pessoal que fazia o extrativismo na área, e tem a área de floresta que é a nossa mata nativa, aliás, nativa não, que isso com certeza foi plantado por nossos antepassados. E tem aqui na área do moinho, a gente vê aqui um desenho dum mato e da motosserra numa árvore, né, e depois está dizendo 'o Moinho, mais conhecido como Roçadão foi uma área desmatada pelo fazendeiro Liberato de Castro'. Depois a gente tem na legenda a área dos lagos, o pistoleiro está aqui com a arma na mão e aqui o destaque de Bom Jesus do Tororomba, onde a gente perdeu um companheiro que resistiu, aqui é um símbolo de resistência, né, que resistiu até a morte, mas não recuou do fazendeiro, brigou até o fim. É mais ou menos esse o nosso trabalho. Fez parte desse trabalho Osvaldo Batista dos Santos, Marilda Oliveira, Luciene Batista Oliveira e Letícia Batista da Conceição.

Setor Tapera e as áreas desmatadas

“Boa noite pessoal. O nosso trabalho ficou com que nós representássemos o rio Arari, então aqui é o rio Arari, aqui são os igarapés. Essas áreas que o Severino que foi o nosso relator pintou de laranja são lagos. Lago das Carobas, lago do Acará, lago do Bagre. Aqui é o Bom Jesus do Tororomba que tem o lago do Piramanha, aqui o lago da Estiva e aqui, essas áreas aqui laranjas, são todas áreas desmatadas. Aqui é o rio Gurupá, aqui tem um destaque pro igarapé Taboca, aqui fica o campo de futebol, o cemitério e aqui, outro cemitério da fazenda Caju, esse pontinho preto aqui. Aqui é a Campininha e o lago do Caju, aqui segue tem a linha de Visconde que vem até aqui, daqui pega a Estiva. Aqui faz essa volta e tem a Tapera, o posto médico, a igreja. Aqui o Ramal Sebastião de Oliveira, que ele (Sr Severino) disse que ele mesmo ia explicar. Aqui tem cemitério de Santa Luzia, no campo do Caju e aqui tem o cemitério São Benedito representado por essa cruzinha. Aqui a fazenda Boa Vista representada por esse gado magrinho! E aqui é o rio Arari com os igarapés: o João Grande, São Joaozinho, Igarapé do Cebola, Furo grande, igarapé do Acará, Acari Miri, Bagre, igarapé do Caraca, o Furo. Eu quero ressaltar que aqui no mapa o Cantigas, ele tá como se fosse um braço do Bagre, mas não, o Cantigas tem cabeceira, ele vai embora e lá ele faz um fundo e é onde tem cabeceira, não é um braço do Bagre, o Cantigas. Aqui tem o Tororomba, o igarapé Cebolinha, o Saporará Grande igarapé do Beca, Igarapé Mangueira, igarapé Mata Fome, igarapé do Piramanha que tem um lago, o igarapé do Meio e igarapé Gurupá Miri. Essa área aqui foi a que foi desmatada pelo fazendeiro e hoje é só mangue, aquela área que fica do Gurupá Miri até a boca do Gurupá e aqui, o Gurupá. O Severino vai explicar o ramal São Sebastião.” MARISTELA TAVARES BATISTA CARDOSO



Na oficina de cartografia social jovens e adultos trabalham juntos

“Por que o Ramal Sebastião de Oliveira? Gente, pra quem não sabe, esse cidadão ele foi a primeira pessoa que abriu esse ramal lá na beira do campo. Foi um homem de muita luta quem conhece ou pra quem conheceu, eu posso dizer que foi assim um espelho, entendeu? Aí eu particularmente me lembrei de botar este nome neste ramal, só que falta a provação da comunidade que agora que está sabendo, né. Se eles aceitarem, acho que nada melhor do que botar o nome desse nosso ramal Sebastião de Oliveira.” MANOEL SEVERINO MORAES – SEVERINO

“Essas casas aqui representam onde foi o conflito, é entre o Acará e as Carobas, as áreas de conflito. Essa outra aqui são áreas de conflito, mas de conflito armado, compreende aqui o Bom Jesus do Tororomba e a várzea, onde tem o extrativismo do açaí. Tem essa aqui que representa as queimadas e o desmatamento na área. Esse aqui representa área de várzea e esse aqui representa área de cultivo de açaí. E aqui o campo do Inferno bonitinho que a Sabrina fez.” ALAN BATISTA CARDOSO

Setor Aracaju após a construção da Transcaracará

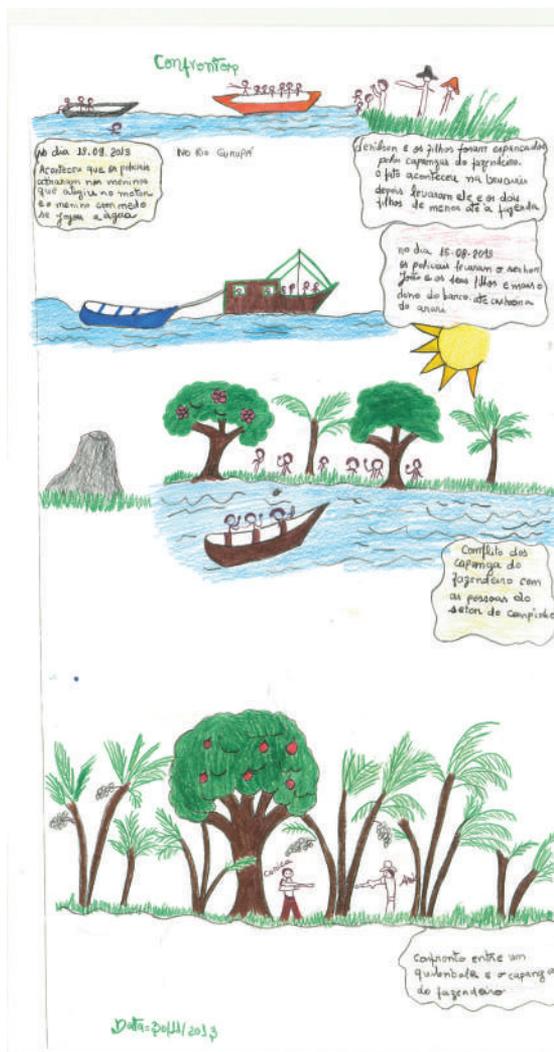
“Vamos tentar ser breve. Aqui nós fizemos o setor do Aracaju. Então, aqui o rio Gurupá e entrando tem o Aracaju. Colocamos todas as casas numeradas, cada pontinho desse é uma casa. Aí os igarapés nós colocamos em ordem alfabética, por exemplo, tem o Boca Larga, tem o igarapé do Narciso, o Perema, o Furo, e assim por diante, aí bem aqui, nós fizemos o trapiche, aqui a estrada, os postes, esse de vermelho é a rede elétrica, aqui a Transcaracará, que termina na boca do Caracará, hoje, essa vem lá da PA 154 que passa aqui por nós, e eu não sei se ainda está vigorando, mas a Ana Julia decretou como PA 356, e aqui o ônibus escolar levando os alunos pra escola. E bem aqui onde está o livro é a escola e aqui uma árvore que é o nosso símbolo, o açaí. Bem aqui, o campo de futebol do Santos, e nós fizemos na nossa legenda o campo e mais um triangulozinho que quer dizer as casas não habitadas, tem a sede do Santos o barracão da casa da mamãe, a casa da Maura e as casas do habitat. Esse copo aqui nós fizemos pra representar a caixa d’água e bem aqui, foi onde nasceu a ARQUIG, na sede do Santos

Futebol Clube, no dia 5 de janeiro de 2002, então foi aqui que nasceu a ARQUIG, na sede do Santos, o que é muito importante pra nós simbolizar aqui. Aí nós fizemos esse símbolo aqui pra representar onde aconteceu nossa primeira reunião. Basicamente foi isso aqui.” ROSIVALDO MORAES CORREA

Setor Campinho desmatamentos e violências contra os quilombolas

“Pessoal nosso trabalho é esse, é a equipe do Campinho. Nós não colocamos nome porque já diz setor do Campinho, então significa que a comunidade toda reuniu e aprontamos esse croqui. Aqui são os igarapé, começado pelo Murutucu, daí vem baixando o rio Arari e aqui é a foz do rio Arari, aqui é a foz do rio Gurupá e subindo é o setor do Baixo Gurupá, bem aqui o setor da Tapera, aqui o setor do igarapé da Roça, aqui o setor do Aracaju e, passamos para o setor do Campinho, que esse que é o nosso. Aqui em cima tem o último setor que é o alto Gurupá, e bem aqui tem o Bom Jesus do Tororomba que a gente não explicou, mas é um setor. Aí nós colocamos os lagos que tem, colocamos o Roçadão que foi desmatado pelo nosso adversário. Tem uns que escreveram Moinho, mas nós procuramos escrever Roçadão porque é onde já foi desmatado e agora está um campo, que era onde tinha piquizeiro, bacurizeiro e que foi desmatado por ele e a justiça não olha. E aqui nós fizemos essas casinha, mas não é aquele programa Minha casa, Minha Vida toda pintadinha, isso é o sonho do pessoal de no futuro pintarem as suas casas. E aqui tem o ‘não-quilombola’ no setor do Campinho, que é o Seu João Pinheiro, o Pinheirão. Então ele ia ficar de fora porque mora no setor do Campinho, então a gente colocou ele aqui, mas é um não-quilombola, tá bom? Tá, esse é o nosso croqui, mas agora nós temos a legenda do que aconteceu dentro desse nosso contexto”. MANOEL NAZARENO BATISTA

“Aqui é o capitão Raully atirando no filho do Gregório e o que caiu na água que é o filho da Domingas. Aqui a diante tem o Leleco que foi do igarapé pra lá e bateram nele, né, desse setor e eles levaram até a fazenda. Aqui, os filhos do compadre João, o barco do André, que vai a rabeta a reboque quando eles foram pra Cachoeira naquele dia que foram presos, aqui foi o conflito do setor do Campinho que foi quando o Dinho vivia aí. Oh, setor! E aqui é o Curica com o Assis apontando arma. Então esses aqui é o que o setor conta, da luta que o setor já teve, fora o que nós não relatamos, então é um setor confliteiro, né, por isso que a gente destacou aqui nessa legenda.” MARIA DE FÁTIMA GUSMÃO BATISTA



Setor Cabeceira exploração da areia e receio do meio ambiente

“Boa noite. Nosso setor é o da Cabeceira, mas nós destacamos o rio Arari porque ele não poderia deixar de ser mencionado. Boca do Gurupá, pulamos um pouquinho até chegar no nosso setor, tem algumas casas como a do Seu Raimundo, a do Jovencio e a minha casa, e aqui alguns igarapés como o Mãe Dominga, o ultimo que é o do Braço. Também essa parte aqui representa a área que tem matas incluindo algumas açazeiras com a extensão de subsistência para as famílias. Aqui, o lago da Estiva e o das Carobas, sendo que ambos possuem peixes e muitas famílias tiram seu sustento através daí para, digamos, não passarmos fome. Há casos em que o pistoleiro fica vigiando, como dá pra vocês olharem aqui, ele tá pensando aqui dentro desse balão ‘não te aproxima, se não eu te mato’, e aí muitas das vezes a pessoa se sente com medo e volta, porque às vezes, nós não temos acesso, vocês que foram lá sabem da dificuldade. Aqui na Estiva todo mundo pode ir à vontade. Como eu falei anteriormente, isso daqui é pra nossa subsistência, pra tirar o sustento da nossa família. Outro ponto importante é a questão areial que é um problema muito serio e no futuro pode trazer muita consequência para o meio ambiente, sendo que aqui (aponta no mapa) há duas pessoas retirando areia sendo um caminhão cheio para ser transportado, mas na verdade, muitas vezes essa areia é para ser vendida de forma ilegal. Foi isso que nós tentamos passar pra vocês, o nosso muito obrigado.” DULCIVAL BATISTA DE OLIVEIRA

Reivindicações

Proteção e aplicabilidade da lei.

“Nós os quilombolas dos rios Arari e Gurupa como outras gentes cobramos do Estado de direto a aplicabilidade da lei. Por que demora tanto?” ROSIVALDO MORAES CORREA

Proteção das comunidades, das pessoas que sobrevivem do açaí e fim da arbitrariedade dos fazendeiros

“Que deveriam proteger as nossa comunidades, as pessoas, a nossa população, que sobrevive e que precisa, por exemplo, da extração do açaí que é sua fonte de subsistência, pra sustentar sua família com dignidade, e quando acontece uma arbitrariedade dessa da parte dos fazendeiros, e as pessoas se sentem coagidas sem ter a quem recorrer, pra quem apelar, então nesse caso, acredito eu que o governo, não só municipal, mas o governo estadual também, está se omitindo a proteger essas pessoas que são pessoas de bem, que lutam pelos seus direitos. É um direito que o Estado tem também de proteger essas pessoas.” NEI SANTIAGO DIAS MORAES

Fim das acusações de roubo do açaí, de atropelhos e abusos por parte da policia civil, militar do Estado do Pará que agridem os quilombolas

“A mãe da gente não tá nem aqui e eles só sabem agredir assim. Só tratam a gente com palavrão. Mas será que eles não conhecem os direitos humanos?” JOÃO DA CRUZ BATISTA

“ Mas quando ele puxou a metralhadora pra nós eu falei ‘pode baixar essa arma aí que nós não estamos roubando, estamos trabalhando e nós não somos animais pra vocês botarem essa arma em cima da gente, a gente aponta uma arma dessa pra um animal, mas não pra um cristão assim’. ?” JOÃO DA CRUZ BATISTA

Nós esperava uma clareza mais de que a própria justiça tomasse conhecimento dos nossos problemas, do nosso sofrimento. Porque como eu falo: tem muita lei, mas ela se distorce como um fio de linha. No nosso país, as leis de distorcem”. FRANCISCO CARDOSO

Não ao projeto do lixão

Vinham trazer o lixão aqui pra nossa nascente, pro nosso território. Iam fazer aqui, só que aí, nós reunimos as comunidades e reclamamos que não queríamos, por causa que era uma nascente, e ia prejudicar a nascente”. MANOEL NAZARENO BATISTA – AGENTE DE SAÚDE

Punir e impedir aos desmatamentos do cultivo de arroz irrigado

Nós temos uma ocupação aqui no município de Cachoeira do Arari com um senhor, deputado que está construindo um plantio de arroz faz uns 2 anos e eu acho que mais tarde nos vamos ter um efeito muito... Ele vai sugar as terras e vai jogar... A gente passa na beira da estrada próximo de Cachoeira, aquelas ilhas que eram grande lá no campo estão todas sendo desmatadas. Quando um pobre lascado como nós vamos faz uma roça aqui, uma queimada, nós temos punição. Quando é um cara que tá lá no poder, que tem todas as economias, o IBAMA, a SEMA não olha pra essas coisas. Mais tarde com certeza nós vamos ter um impacto ambiental muito grande aqui e nas outras comunidades. Ele estava abrindo rios, córregos pra poder irrigar o arroz dele. Então eu tenho certeza absoluta que isso mais tarde vai prejudicar o nosso meio ambiente e já está prejudicando com certeza. Aqui na nossa comunidade pelo menos, a escassez do camarão, do peixe, isso já está acontecendo. ”. MANOEL NAZARENO BATISTA – AGENTE DE SAÚDE

Punir os fazendeiros que soltam o gado que come, estraga as roças

Aí a gente ver que temos condições de fazer. No meu caso, lá onde eu moro, eu sou impossibilitado até de plantar porque eu planto de dia, de noite o gado acaba. Porque tem o senhor que mora lá atrás, que passa, dizem. Mas eu moro lá a 60 anos e já vi ele apenas uma vez lá. Tem umas 30 rês e toda a noite ela fura a cerca, então quando chega umas 6 horas eles ainda tão no campo, aí a gente não sabe de quem é. A gente vai, faz uma ocorrência pro delegado. No dia da audiência a gente vai e ele (o Conduro) não vai. Ele diz aqui que se eu falhar naquele dia, vou ser penalizado, mas o cara lá nunca foi e eu não sei se ele foi penalizado. Então, a gente sofre muito com isso porque a roça é também a nossa cultura. Ela ali é o nosso sustento”. FRANCISCO CARDOSO



CONTATOS

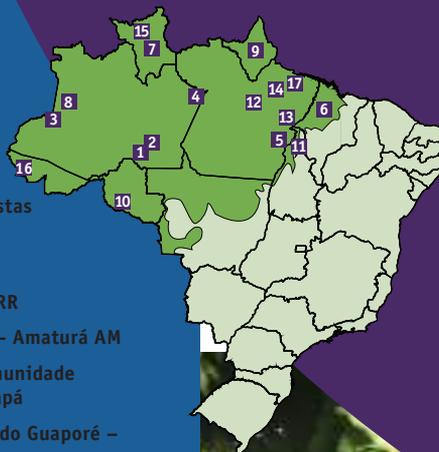
SEDE DA ASSOCIAÇÃO DOS REMANESCENTES DE
QUILOMBO DO RIO GURUPÁ – ARQUIG
Rio Gurupá S/N
Tapera



PROJETO Mapeamento Social

ASSOCIAÇÃO DE REMANESCENTES DE
QUILOMBO DO RIO GURUPÁ - ARQUIG

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracaraí RR
- 8 Desmatamento e a devastação de castanhais – Amaturá AM
- 9 Associação de moradores e produtores da comunidade remanescente de Quilombolas do Rosa – Amapá
- 10 Quilombolas do Forte Príncipe da Beira, Vale do Guaporé – Costa Marques RO
- 11 Quilombolas da ilha de São Vicente – Araguaatins TO
- 12 Quilombolas de São Tomé de Tauçú, Rio Acutipereira – Portel PA
- 13 Assentados e acampados no município de Rondon do Pará
- 14 Quilombolas do rio Mutuacá e seus afluentes – Curralinho PA
- 15 Invasão da acácia mangium nas terras indígenas de Roraima
- 16 Rede de Conhecimentos Tradicionais do Alto Juruá – Marechal Thaumaturgo AC
- 17 Comunidade remanescente de Quilombo dos Rios Arari e Gurupá em busca da liberdade



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7883-299-5



9 788578 832995

PROJETO EXECUADO COM RECURSOS DO



REALIZAÇÃO

ASSOCIAÇÃO DE
REMANESCENTES
DE QUILOMBO DO
RIO GURUPÁ –
ARQUIG

APOIO

